



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
CENTRO DE FORMAÇÃO DOS PROFESSORES - CFP
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - UACS
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

ANA MYLLENA A. DE FIGUEIREDO

**USO DO CINEMA NAS AULAS DE GEOGRAFIA: UMA PROPOSTA DE ESTUDO A
PARTIR DO CURTA METRAGEM “ILHAS DAS FLORES”**

CAJAZEIRAS-PB

2014

ANA MYLLENA A. DE FIGUEIREDO

**USO DO CINEMA NAS AULAS DE GEOGRAFIA: UMA PROPOSTA DE ESTUDO A
PARTIR DO CURTA METRAGEM “ILHAS DAS FLORES”**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC,
apresentado à Universidade Federal de
Campina Grande – Campus IV, como
cumprimento de um dos requisitos necessários
para a obtenção do título de Licenciada em
Geografia.

Orientador: Ms. Marcos Assis Pereira de
Souza

Linha de pesquisa: Ensino de Geografia

CAJAZEIRAS-PB

2014

ANA MYLLENA A. DE FIGUEIREDO

**USO DO CINEMA NAS AULAS DE GEOGRAFIA: UMA PROPOSTA DE ESTUDO A
PARTIR DO CURTA METRAGEM “ILHAS DAS FLORES”**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Curso de Geografia do Centro de Formação de
Professores de Cajazeiras – PB, como
requisito necessário para a obtenção do título
de licenciada em geografia.

Aprovado em _____ de _____ de 2014

Prof^ª. Ms. Marcos de Assis de Pereira (Orientador)
Unidade Acadêmica de Ciências Sociais - UACS
Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

Prof^º. Ms. Aldo Gonçalves de Oliveira
Unidade Acadêmica de Ciências Sociais - UACS
Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

Prof^º. Dr. Marcelo Henrique de Melo Brandão
Unidade Acadêmica de Ciências Sociais - UACS
Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

CAJAZEIRAS – PB

2014

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)

Denize Santos Saraiva Lourenço - Bibliotecária CRB/15-1096

Cajazeiras - Paraíba

F475u Figueiredo, Ana Myllena Alexandre de

Uso do cinema nas aulas de geografia: uma proposta de estudo a partir do curta metragem "Ilha das Flores". / Ana Myllena Alexandre de Figueiredo. Cajazeiras, 2014.

36f.

Bibliografia.

Orientador: Marcos Assis Pereira de Souza.

Monografia (Graduação) - UFCG/CFP

1. Geografia e cinema. 2. Ensino de geografia - cinema. 3. Curta metragem Ilha das Flores – ensino de geografia. I. Souza, Marcos Assis Pereira de. II. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU –910:791

DEDICO

Primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, autor de meu destino, meu guia, socorro presente na hora da angústia, aos meus pais Gorete e Marcos (in memoria) e meu namorado e amigo Magno, obrigado por se fazerem presentes em minha vida. A vocês todo meu amor e dedicação.

AGRADECIMENTOS

Considerando esta monografia como o resultado de uma caminhada longa e com muitos obstáculos, agradeço a Deus por ter me dado sabedoria e paciência para que chegasse até aqui, obrigado.

A minha família, os meus queridíssimos pais, Maria Gorete e Marcos José (*in memoria*), por todo carinho e dedicação, obrigada por terem confiado em mim, e terem me dado forças para superar todas as dificuldades sempre de cabeça erguida, e buscando as vitórias com fé. Obrigada por terem mostrado a mim o quanto vale apenas viver. A meus irmãos e a meu sobrinho Myckael Henrique, obrigada.

Ao meu namorado, melhor amigo e companheiro de todas as horas Magno Werbett, obrigado por sempre estar ao meu lado dividindo comigo as alegrias e dificuldades que a vida nos coloca. A você agradeço pelo incentivo a seguir em frente e agradeço principalmente por nunca ter duvidado da minha capacidade. Amor, obrigada.

A minhas amigas, agradeço pela ajuda, pela disposição de ter caminhado comigo ao longo destes anos, a vocês minhas amigas irmãs Francisca Cristina e Maria Rosana obrigada por todo incentivo, e por terem dividido comigo todos esses dias de alegrias, tristezas que vivenciamos no decorrer do curso, obrigado por terem me fortalecido para que chegássemos até aqui juntas. Levarei vocês sempre em meu coração.

Ao meu Orientador Marcos Assis Pereira de Souza, pela paciência, atenção, carinho e compreensão, e por ter me ajudado nesta fase final de uma longa caminhada. A todos os professores da UFCG, campus de Cajazeiras, com quem tive contato durante a minha estada no campus, a vocês o meu muito obrigado, pelos ensinamentos.

Agradeço a todos os colegas e amigos da turma 2009.2, que estiveram comigo ao longo do curso. A vocês Adriana Almeida, Gizelia Silva, Cicera Parnaíba, Gilvanda Souza, Maria Sueli, Juçara Nascimento, Maria do Socorro e demais, o meu sincero agradecimento! Jamais me esquecerei de vocês.

A todos vocês, o meu carinho e muito obrigada!

Ana Myllena A. de Figueiredo

“Quando alguém encontra seu caminho, precisa ter coragem suficiente para dar passos errados. As decepções, as derrotas, o desânimo são ferramentas que Deus utiliza para mostrar a estrada”.

PAULO COELHO

LISTA DE SIGLAS

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo discutir a utilização do cinema, enquanto metodologia de ensino, nas aulas de Geografia. Para tanto, empreendemos inicialmente uma discussão sobre a origem do cinema até a sua utilização como recurso metodológico em sala de aula. Posteriormente traremos em discussão uma breve análise sobre a geografia enquanto disciplina escolar, discutindo sobre as dificuldades que a geografia enfrenta para alcançar seu objetivo como ciência. Sabendo que a geografia no transcorrer de sua trajetória como ciência apresentou diversas alterações e ao longo de seu percurso rompeu paradigmas e reformulou o seu caráter Tradicional para Renovado. Perpassando essas dificuldades em que a Geografia era pautada como uma disciplina descritiva e de memorização, na qual a noção dos saberes geográfico era repassada aos alunos de forma fragmentada, onde apenas o Educador era detentor do conhecimento e os alunos simples receptores de informações, traremos em análise neste estudo o documentário *Ilha das flores*, como um aporte metodológico a ser utilizado em sala de aula, fazendo uma adequação entre o mesmo e o ensino de geografia, e desenvolvendo ainda questões que gira em torno da sociedade em que estamos inseridos, sociedade está em total disparidade. Vemos, portanto no cinema uma linguagem carregada de elementos que reproduzem um discurso social posto, para uma determinada época, não é uma realidade em si, mas traz consigo elementos que difundem um imaginário geográfico. Optamos, portanto por atuar em uma perspectiva de mudança para um ensino de Geografia.

PALAVRAS- CHAVE: Cinema, Ensino de geografia, Ilha das flores.

ABSTRACT

This paper aims to discuss the use of film, while teaching methodology in geography lessons. To do so, initially undertook a discussion of the origin of cinema to its use as a methodological resource in the classroom. Later discussion will bring in a brief analysis about geography as a school subject, discussing the difficulties that the geography faced to reach your goal as a science. Knowing that geography in the course of his career as a science and made several changes along its route broke paradigms and reformulated its traditional character for Renewed. Bypassing these difficulties in that geography was ruled as a descriptive discipline and memorization, in which the notion of geographical knowledge was passed on to students in a piecemeal fashion, where only the educator was known holder students and simple receivers of information, we will bring in analysis in this study the documentary Island of flowers, as a methodological approach to be used in the classroom, making a match between the same and geography teaching, and still developing issues revolving makes the society in which we live, society is in overall disparity. Thus we see in the cinema a language full of elements that reproduce social discourse station, for a given time, is not a reality in itself, but brings with elements that diffuse a geographic imaginary. We chose therefore to act in a perspective of change to a teaching of Geography.

KEYWORDS: Cinema. School of Geography. IslandFlowers.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPITULO 1-CINEMA UM ENFOQUE HISTÓRICO.....	15
1.1 – Cinema: um mundo que encanta e fascina.....	15
1.2 – Diferentes concepções sobre o cinema.....	17
1.3 – Cinema em sala de aula.....	18
CAPITULO 2- CINEMA, GEOGRAFIA E ESCOLA.....	22
2.1 – Geografia Escolar: Uma breve análise.....	22
2.2– A utilização do cinema em sala de aula: possibilidades e desafios.....	25
2.3 – Cinema na escola: novas metodologias a serem adotadas.....	27
CAPITULO3-A ESCOLHA DA OBRA FÍLMICA EM ANALISE.....	29
3.1 – Ilha das Flores: algumas considerações.....	29
3.2– Proposta metodológica: adequações do tema para as aulas de geografia.....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS.....	36

INTRODUÇÃO

A sociedade atual é caracterizada por uma infinidade de linguagens. Os meios de informações se desenvolveram rapidamente a partir da revolução tecnológica. Contudo, as informações apresentadas encontram-se fragmentadas e descontextualizadas, de modo a não propiciar a inserção ativa e participativa dos sujeitos na sociedade. Portanto, cabe à escola dentro desse cenário apropriar-se dessas linguagens, utilizando-as como instrumentos de comunicação e análise, possibilitando ao aluno uma leitura crítica do mundo, desenvolvendo assim novas formas de ensinar e aprender.

Diante deste contexto e sabendo que a geografia no transcorrer de sua trajetória como ciência apresentou alterações de abordagens, devido às reflexões a respeito dos seus métodos e objeto de estudo, ao longo de seu percurso rompeu paradigmas e reformulou o seu caráter Tradicional para Renovado. O processo de renovação da Geografia foi impulsionado pelas transformações políticas, econômicas, sociais, filosóficas, científicas e tecnológicas ocorridas na metade do século XX, que acarretaram na decadência da Geografia Tradicional e a emergência de uma Geografia inovadora.

Há tempos passados o ensino de Geografia era pautada como uma disciplina descritiva e de memorização, na qual a noção dos saberes geográfico era repassada aos alunos de forma fragmentada e ordenada, onde apenas o Professor era detentor do conhecimento e os alunos simples receptores de informações, resultando no insucesso do processo de ensino e de aprendizagem. Essa atitude clássica que considerava o educador como um mero transmissor de conhecimentos precisa ser rompida por meio de novas técnicas pedagógicas, para não tornar o ensino de Geografia tedioso e desinteressante.

Considerando estas questões o presente trabalho intitulado: *Uso do cinema nas aulas de geografia: Uma proposta de estudo a partir do curta metragem “Ilhas das flores”* promove uma discussão sobre cinema enquanto linguagem e seu uso na geografia escolar. Entendemos, nesse sentido, o cinema como linguagem carregada de elementos que reproduzem um discurso social posto, para uma determinada época, não é uma realidade em si, mas traz consigo elementos que propagam um imaginário geográfico.

Trataremos, dessa forma, o cinema como uma linguagem que pode ser utilizada nas aulas de geografia, pois sabemos que a geografia se apropria de diferentes linguagens para compreender o espaço geográfico.

Desta forma o trabalho será estruturado da seguinte forma, no primeiro capítulo trataremos da parte histórica que circunda em torno do cinema, perpassando desde a sua

origem até a sua utilização como recurso metodológico em sala de aula. No segundo capítulo teremos uma breve análise sobre a geografia enquanto disciplina escolar, levantando uma breve discussão sobre as dificuldades que a geografia enfrenta para alcançar seu objetivo como ciência, que é de tornar os alunos cidadãos críticos capazes de analisar o espaço que estão inseridos. E no terceiro capítulo trataremos em discussão o Curta metragem “*Ilhas das flores*”, fazendo uma adequação entre o mesmo e o ensino de geografia, e o apresentando como recurso metodológico em sala de aula, desenvolvendo com o mesmo as questões que gira em torno da sociedade em que estamos inseridos, sociedade está em total desigualdade.

Diante deste desafio proposto aos educadores de desenvolver uma educação direcionada no pensar o amanhã das futuras gerações. Optamos por atuar em uma perspectiva de mudança para um ensino de Geografia, partindo da vivência do discente, a fim de proporcionar uma aprendizagem estruturada e significativa. Estimulando a construção de conceitos a partir tanto das considerações do conhecimento prévio do aluno, como das ideias formadas na aprendizagem dos conteúdos.

Portanto, para a elaboração desse trabalho utilizamos como metodologia o uso de levantamentos bibliográficos, e pesquisas que acometem a aplicação do cinema no ensino de geografia. No que faz referência à Geografia, os filmes trabalham com as categorias geográficas (espaço, lugar, território e paisagem), embora não sejam produzidos com o intuito de demonstrar especificamente essas categorias. A relevância deste estudo está na tentativa de superar a perspectiva tradicional de ensino mnemônica, cujo resultado é os conhecimentos considerados de pouca ou nenhuma importância de aplicação para o discente.

CAPITULO 1 – CINEMA UM ENFOQUE HISTÓRICO

1.1 – Cinema: um mundo que encanta e fascina

O cinema é uma arte que trabalha com a imagem construída, por um conjunto de fotografias que foram tomadas de forma sequencial e impresso sobre uma fita de celuloide. (GEIGER 2004). O surgimento do cinema está datada, mas precisamente em 28 de dezembro de 1895, onde os irmãos Lumière arranjaram a primeira exibição pública e comercial do cinema no “Grand Café” em Paris (BERNARDET, 1980). Mas existem algumas discussões quanto a esse surgimento, alguns estudiosos afirmam que antes da apresentação dos irmãos Lumière, já teria acontecido outra apresentação desta vez feita pelos também irmãos Max e Emil Skladanowsky.

Sabe-se que os irmãos Lumière não foram os primeiros a fazer uma exibição de filmes pública e paga. Em 1º de novembro de 1895, dois meses antes da famosa apresentação do cinematógrafo Lumière no Grand Café, os irmãos Max e Emil Skladanowsky fizeram uma exibição de 15 minutos do bioscópio, seu sistema de projeção de filmes, num grande teatro de Vaudeville em Berlim. (Mascarello, 2006).

Independente das controvérsias que giram ao redor da paternidade do cinema, retratadas acima, o fato é que o cinema se difundiu rapidamente pelo mundo, seja pelas mãos dos irmãos Lumière ou pelas de outros cineastas (MORRETTIN, 2009).

Desde sua origem o cinema vem despertando um encantamento, fascínio e emoção nas pessoas que o conhecem no mundo inteiro. O cinema quebra o limite entre a realidade e a ficção e faz com que essa relação se torne cada vez mais estreita. O cinema ultrapassa os limites entre o real e o imaginário, o mesmo cria uma ilusão entre a realidade, faz com que ocorra uma combinação de emoções, sonhos, realizações e esperanças, fantasias, angústias, injustiças e felicidades das pessoas.

A expectativa de observar as imagens em movimento numa tela de amplas dimensões vem impactando multidões, de diferentes origens, formações culturais e raízes étnicas. Fruto da sociedade industrial e de massas, o cinema nasceu junto com o século XX e seus modernismos estéticos e sociabilidades modernas (BENJAMIN, 1985; CHARNEY & SCHWARTZ, 2001).

O cinema é, antes de tudo, um dos conhecimentos sociais mais fortes da sociedade, desde as primeiras décadas do século XX. O cinema é uma das experiências sociais mais intensas da sociedade de massas (NAPOLITANO; 2009).

Nos primórdios do surgimento do cinema, as imagens na tela eram em preto e branco e não reproduziam nenhum som, mas encantava do mesmo modo que encanta hoje as pessoas que participam de uma apresentação fílmica. De início apontavam para inúmeras formas de percepções e leituras que iriam repercutir profundamente no imaginário e na vida da sociedade contemporânea.

O cinema que era apresentado logo após seu surgimento, foi entendido sobre a ótica de Morettin (2009) como sendo a “primeira fase do cinema” no denominado cinema de atrações, e que para Bernardet (1980) era entendido com “cinema hollywoodiano” em que predominavam filmes de duração reduzida, de um ou dois minutos, compostos, em sua maioria, por um único plano Morettin (2009), entende que:

[...] sempre procuravam mostrar algo (a queda de um muro, um elefante sendo eletrocutado, uma vista de um barco, um trem partindo ou chegando, acidentes, as ondas se chocando contra um píer, danças, lutas de boxe, um panorama de uma cidade, etc.), marcados pela falta de preocupação em contar histórias [...] (MORETTIN, 2009, p. 48).

Através desse estudo mais aprofundado sobre o cinema, percebemos que ele “não nasceu assim pronto [...]. É algo que foi se construindo aos poucos; o cinema levou tempo para encontrar a sua localização na sociedade, suas formas de produção, sua ou suas linguagens” (BERNARDET, 1980, p. 131).

No Brasil, esta arte aparece logo após as exposições dos irmãos Lumière, por volta do ano de 1896. Sua exibição inicial ocorreu no Rio de Janeiro, onde passou a ser a mais nova inovação do país.

As primeiras imagens de que se tem notícia, feitas no Brasil são de autoria do médico, advogado, bicheiro e empresário teatral José Roberto da Cunha Salles [...]. A maior parte da produção brasileira até o final dos anos 20 era constituída por documentários e reportagens cinematográficas, em sua maioria retratando nossa elite política e econômica ou as nossas belezas naturais. (MORETTIN, 2009, p.53).

Os primeiros trabalhos em relação ao cinema surgem com os filmes de curta metragem, filmados com poucos recursos e ainda em preto e branco e sem presença de áudio. As imagens eram exibidas através de um aparelho chamado de cinematógrafo, o qual reproduzia os movimentos dos corpos fotografados, a partir daí, criava-se a noção de um filme, algo contínuo em movimento. Nesse sentido, Neves (2010, p. 23) destaca que: “Sobre uma pequena tela, uma fotografia recém-projetada, de repente ganha vida. Carros, cavalos,

pedestres começam a andar; toda a vida cotidiana salta aos olhos daqueles espectadores que, perplexos e maravilhados com o invento, presenciavam o nascimento de uma nova arte e indústria”.

A história do cinema faz parte de uma história mais ampla, que engloba não apenas a história das práticas de projeção de imagens, mas também a dos divertimentos populares, dos instrumentos óticos e das pesquisas com imagens fotográficas (COSTA, 2006, p.17).

1.2 – Diferentes concepções sobre o cinema

A arte Cinematografia, também conhecida como “Sétima Arte”, oferece uma infinidade de conceitos, fazendo com que ocorram inúmeras possibilidades de reflexões, as quais retribuem a diferentes percepções debatidas por estudiosos que se dedicam ao conhecimento desse estudo. Seguindo estes pensamentos Bernardet (1980), expõe que o cinema é:

Um complexo ritual [...] que envolve mil e um elementos diferentes, a começar pelo seu gosto para este tipo de espetáculo, a publicidade, pessoas e firmas estrangeiras e nacionais que fazem e investem dinheiro em filmes, firmas distribuidora que encaminham os filmes para os donos das salas e, finalmente, estes, os exibidores que os projetam para os espectadores que pagaram para sentar numa poltrona e ficar olhando as imagens na tela. Envolve também a censura, processos de adaptação do filme aos espectadores [...] (BERNARDET, 1980, p.124).

Neste viés Chauí (1997, p. 333) destaca que:

O cinema é a forma contemporânea da arte: a imagem sonora em movimento. Nele a câmara capta uma sociedade complexa, múltipla e diferenciada combinando de maneira totalmente nova, música, dança, literatura, escultura [...] e pelos efeitos especiais, criando realidades novas, insólitas, numa imaginação plástica infinita que só tem correspondente nos sonhos.

Seguindo a mesma linha de raciocínio para Barbosa (2000, p. 80), o cinema se configura como: “[...] um dispositivo de representação que recorre à tecnologia de produção/montagem/metamorfose de imagens visuais que, associada à narrativa de dramas/tramas, realiza espetáculos onde significados e significantes entrecruzam-se”.

Além das variedades de conceitos, anteriormente apresentados, o cinema proporciona, alguns variantes quanto ao gênero. Este, por sua vez, é “um produto da indústria americana” (NOGUEIRA, 2010, p. 9), e pode ser entendido como “uma categoria”, que conecta e expõe

obras a partir de semelhança de diversas ordens, entre as mais determinantes tendem a ser as narrativas ou as temáticas” (NOGUEIRA, 2010, p. 3). Existe uma grande diversidade de gêneros cinematográficos, um elo que vai do Drama a Ficção Científica.

Dentre as diversas vertentes cinematográficas (curta, média e longa-metragem), faremos uma abordagem mais ampla neste trabalho a partir do curta-metragem. O mesmo, como o próprio nome já define, é um filme de pequena duração, podendo ser entendido como um curta metragem, um filme de até 30 minutos.

O cinema pode ser mais proveitoso, na sala de aula, na forma de documentários ou curtas. Trabalhar com documentários em sala de aula permite ao professor relacionar temas atrelados a sua disciplina em especial com problemas afrontados pela sociedade de maneira geral.

Os curtas metragens, por terem uma duração menor nos permite vê-los mais de uma vez e discuti-los em apenas uma aula. Eles possibilitam, após preparação, passar o filme e discuti-lo durante o período de uma aula. Salientando que não é correto o professor utilizar duas ou três aulas, em dias diferentes, para passar um filme e somente discuti-lo na outra semana.

Por outro lado, o curta-metragem, por suas particularidades, deve concentrar-se em uma história e ajustar os elementos do filme a ela, o que facilita o trabalho dos professores ao selecionar o tema e preparar a aula. A concentração das informações narrativas e a duração dos curtas-metragens contribuem para evitar a dispersão do aluno, inclusive porque a falta de atenção a uma cena pode dificultar ou impedir a compreensão do filme.

1.3 – Cinema em sala de aula

Atualmente estamos vivenciando um período de grandes transformações, tanto no campo da produção científica onde se faz necessário compreendemos o espaço geográfico, como também na área educacional, onde se tem tido grandes transformações na atualidade. Porém, é pensando nestas questões de mudanças que fazemos referência ao uso do cinema em sala de aula, para propomos ao docente um melhor planejamento das atividades educativas na escola básica. A educação se estabelece como uma base essencial da sociedade, desempenhando uma função de possibilitar a compreensão do mundo em sua totalidade e complexidade, tornando-se assim uma força impulsionadora da transformação social.

Durante muito tempo o ensino de geografia foi considerado um ensino ultrapassado, pautado no tradicionalismo e baseado na memorização, nomenclatura, e exposição de

conteúdos, onde o processo de ensino-aprendizagem era centralizado fundamentalmente na figura do professor. Entretanto essa realidade vem sendo modificada, o ensino dessa disciplina vem tornando-se alvo de uma série de críticas que anseiam à construção de um ensino mais categórico e atuante em semelhança à realidade dos educandos.

Essas críticas favoreceram a busca por um ensino de geografia renovador, que possibilite aos alunos a construção de uma série de capacidades que auxiliem a sua emancipação na construção do seu próprio conhecimento, contribuindo para que estes se tornem cidadãos ativos e participativos no meio em que vivem.

A luz de Vesentini (2004) o mesmo propõe que: “O ensino de geografia acompanhe a direção da renovação, ou seja, não privilegie apenas o repasse de conteúdos de forma isolada, mas, também que o raciocínio e a sociabilidade sejam contemplados, entre outras estratégias”.

Para que esse ensino realmente se efetive, é importante que exista uma modificação na postura do educador, que este se coloque como um mediador entre aluno e conhecimento propiciando o diálogo em sala de aula e instigando os educandos a sempre questionar e refletir acerca do conhecimento.

Algumas alterações ocorreram no ensino da geografia, apesar disso ainda imperam técnicas tradicionais, como a memorização e o enciclopédismo, que tornam a disciplina enfadonha e avulsa da realidade, de modo que os alunos não tomam parte da construção do conhecimento, tornando-se assim meros receptores de informações.

Deste modo a Geografia escolar não está exercendo a sua função, que é permitir a gênese de pessoa mais críticas e pensantes, capazes de realizar uma leitura crítica da realidade que os cerca. Partindo desse pressuposto Vesentini (2004, p. 220) esclarece que: “é vital romper com a visão estereotipada da disciplina como um saber enciclopédico, o qual exige apenas a memorização de conceitos cediços”.

Vesentini (2004) afirma ainda que: “O ensino tradicional da geografia, mnemônico e descritivo, alicerçado no esquema “a terra e o homem” não tem lugar na escola do século XXI. Ou a geografia muda radicalmente e mostra que pode contribuir para a formação de cidadãos atuais, ou ela vai acabar virando peça de museu”.

Desta forma para os Parâmetros Curriculares Nacional (PCN), o ensino de geografia deve comprometer-se com o desenvolvimento do aluno como um ser crítico, para tanto deve propiciar instrumentos que ajudem a refletir e a pesquisar informações sobre o mundo, ser criativos e tomar decisões.

Diante disso, surge a necessidade de buscarmos maneiras para tentar resolver ou pelo menos mitigar esses problemas, ou seja, buscar formas que tornem o ensino de Geografia

mais encantador e também mais envolvente tanto para o educador quanto para os discentes. Dentre algumas formas de tornar as aulas de Geografia mais atraente, menos fadigosa, mais cativante, podemos citar o uso de recursos didáticos como o Cinema, nas aulas de geografia.

Nesta conjuntura, Silva (2010 p. 4) ressalvar que: “Dispondo de material diverso, o cinema pode ser um excelente recurso de linguagem na sala de aula, pelas possibilidades de discussão e argumentação de diferentes temáticas que leve o aluno a reflexão de elementos e fatos do cotidiano, em uma sociedade composta pela diversidade”.

Portanto a utilização do cinema em sala de aula vem para propor uma nova metodologia que se tem em favor dessas mudanças no meio educacional, pode-se através do mesmo sair daquele ensino tradicional, trabalhar com o cinema é trabalhar com uma nova forma de ver o mundo, pois através disso o docente pode auxiliar na ampliação dos horizontes intelectuais dos alunos, contribuindo para uma análise crítica do mundo. A arte cinematográfica envolve e fascina o espectador, ao mesmo tempo em que permite uma nova forma de ver, entender e ler o espaço.

Nesse viés, é válido salientar que “O cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte. Assim dos mais comerciais e descomprometidos aos mais sofisticados e difíceis os filmes tem sempre algumas possibilidades para o trabalho escolar”. (NAPOLITANO 2009 p 11-12).

Duarte, Oliveira e Nunes no texto “Cinema e ensino de geografia: aproximações teóricas e debates metodológicos” consideram a arte cinematográfica como um conjunto de representações do real, e conseqüentemente, elementos relativos ao espaço geográfico, objeto fundamental no âmbito de discussão da geografia. Os autores abordam o cinema enquanto uma manifestação artística e cultural, sendo necessário enxergar as suas dimensões internas e externas, ressaltando que o mesmo é produto de um tempo histórico e de uma conjuntura espacial, deste modo, é necessário considerar a sua dinamicidade ao longo do seu espaço-tempo de construção enquanto fenômeno artístico.

Para tanto, o professor precisa estar apto para um melhor aproveitamento e uso das novas dicções ajustadas na imagem, visto que produzir conhecimento geográfico não se limita a conceitos genéricos (NEVES, 2010). Nesse sentido, “o filme deve ser inserido naquilo que se pretende trabalhar, em um processo de busca de interpretações com base em referencias como o saber escolar e o saber do mundo” (CAMPOS, 2006, p.3).

Desse modo, é preciso levar em consideração que “embora um filme venha propiciar [...] leitura da espacialidade concretamente produzida [...], temos que ter claro que é uma

imagem, não é o real em si que ali estamos vendo” (NEVES; FERRAZ, 2007, p.10). Isso decorre do fato de que:

Em uma obra fílmica o espaço ‘real é recortado, decomposto, recriado, sonhado, lembrado [...]’. Partindo dos elementos que estão impressos e que compõem a paisagem geográfica, o cinema os recria, à sua maneira, constituindo de novas formas de perceber e visualizar os espaços concretamente vivenciados e os explora com o intuito de atribuir sentido a narrativa fílmica (NEVES, 2010, p. 147-148).

O estudo permeou com o desígnio de considerar a contribuição do cinema no ensino da geografia, e com mais profundidade em sua compreensão e importância quando trabalhado em sala de aula, o qual busca motivar tanto o professor como o aluno no processo ensino-aprendizagem de forma que essa aprendizagem seja ampliada num estudo prazeroso.

Trabalhar com o cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte. Assim, dos mais comerciais e descomprometidos aos mais sofisticados, os filmes têm sempre alguma possibilidade para o trabalho escolar (NAPOLITANO, 2005, p. 11).

Neste contexto o cinema mostra a realidade dos fatos sócios educacionais pautados no ensino da geografia e descreve o quanto o aluno aprende ao trabalhar o cinema em sala de aula. Observa-se que a exibição de filmes no espaço escolar o aluno não apenas se diverte, mas recria e interpreta o ambiente em que convive e se relaciona, o que conseqüentemente constitui um melhor aprendizado. Considerando as aproximações possíveis e até mesmo os limites imprecisos entre a geografia e a arte cinematográfica, é inegável que estamos diante de um campo rico e estimulante para o trabalho de pesquisa e ensino (BARBOSA 2000, p. 111).

Dessa forma, o ensino de Geografia pode se tornar extremamente rico e prazeroso com este instrumento. Pode-se ousar amenizar o desapego pelo aprendizado, induz o aluno a se interessar pelo assunto apresentado e pelo debate deste tema.

De tal modo, o uso do cinema incluso na sala de aula não irá resolver as dificuldades do ensino de Geografia, mas se coloca quão intensamente uma ótima ferramenta, agradável e que permite o desenvolvimento de diferentes aptidões nos alunos.

CAPITULO 2 – CINEMA, GEOGRAFIA E ESCOLA

2.1 - Geografia escolar: uma breve análise

Sabendo que a geografia é uma ciência que visa explicar os diferentes fenômenos naturais e sociais, a mesma tem sido ao longo de sua história, um conhecimento relegado a condição de inutilidade ou como diria Lacoste (1997) “um saber enciclopédico”. A geografia, antes mesmo de se tornar uma área de análise e uma entre as diferentes ciências sociais, tem sua origem como educação escolar. Embora seja bastante antigo, os estudos geográficos se sistematizaram em uma única disciplina, com status acadêmico e científico, após sua institucionalização na escola.

O ensino de geografia no Brasil tem origem institucional como disciplina na Escola secundária em 1837. Nas primeiras escolas fundadas no Brasil, a partir do século XVI, os seus conteúdos eram limitados nos textos usados para a aprendizagem da escrita e da leitura das línguas antigas. A geografia escolar passou então a estar anexa ao desenvolvimento de conhecimentos sobre a pátria, e também se ocupou na diferenciação das paisagens dos países e lugares, destacando-se como disciplina de memorização.

Desde então a geografia escolar vem sendo transformada e adaptada ao cotidiano de cada aluno, e há por parte de alguns professores de geografia uma busca incessante para esclarecer que a geografia não se refere somente a informações e dados, procurando mostrar que informações conteudista pouco representam para a compreensão do mundo em que vivemos, e vemos com isso que há uma total desinformação quanto ao real sentido do que é a geografia.

Neste segmento Goulart destaca que aprender geografia:

É algo que envolve muito mais que exercitar a copia de mapas, o preenchimento de cruzadinhas, a construção de maquetes [...] aprender significa estabelecer um dialogo com o conhecimento, isto é, pensar aquilo que esta sendo produzido, questionando as diferentes etapas e estabelecendo conexões com conceitos já construídos tanto em geografia como em outras áreas do conhecimento. (GOULART, p 21)

A Geografia é uma ciência interdisciplinar, por isso, proporciona ao professor que trabalha com ela exercer um leque de conteúdos que estão conectados e, passíveis de aproximação com a realidade. Assim como aborda a autora (PONTUSCHKA, 2007) a nossa educação escolar é fragmentada em gavetas do conhecimento, no entanto, cabe ao educador vincular a todo instante a sua disciplina e os conteúdos pré-estabelecidos com a realidade

vivida e entendida pelos alunos, tornando o conteúdo verdadeiramente expressivo, pois coloca o educando a par de sua posição enquanto um ser crítico, fazendo assim com que o educador alcance o objetivo principal da educação, que é formar alunos capazes de refletir a realidade em que vivem.

A escola por sua vez tem que ter a sua participação como formadora de cidadãos, pois a mesma não está desvinculada da vida, do mundo que a cerca, mas tem que estar em sintonia com a realidade e com o tempo em que vivemos. Logo, a escola é responsável a não ensinar a memorizar, mas ensinar a refletir, fazer relações entre conhecimentos e ideias.

De acordo com Paraíba (2010, p. 165) “A escola não fornece conceitos, mas ela possibilita situações orientadas em que o individuo constrói os seus conceitos, tendo como referencia a aplicação em situações cotidianas”.

Atualmente, a Geografia como disciplina está afetada por diversas falhas, contudo o ensino da mesma deve permitir a construção de saberes sobre a realidade sócio espacial, levando os alunos a se tornarem cidadãos prontos a assumir sua participação na sociedade e ter atitudes críticas diante da realidade atual, aprendendo a discernir os limites e possibilidades da sua atuação, na permanência ou na transformação da realidade histórica na qual está inserido.

Como Straforini (2004, p.51) enfatiza:

Não podemos mais negar a realidade ao aluno. A geografia, necessariamente, deve proporcionar a construção de conceitos que possibilitem ao aluno compreender o seu presente e pensar o futuro com responsabilidade, ou ainda, preocupar-se com o futuro através do inconformismo com o presente. Mas esse presente não pode ser visto como algo parado, estático, mas sim em constante movimento.

O professor por sua vez tem que levar a seus alunos formas de ensino que tornem os mesmo reflexivos, desta maneira cabe ao docente o ensino por competência cidadã, que nada, mas é que levar o educando a ter um posicionamento, mas crítico e reflexivo, e esse ensino se concretiza no momento que o educador faz uma transformação no seu modo de ensino, levando diferentes metodologias para o ambiente escolar despertando no aluno a curiosidade e interesse de enxergar o mundo de forma diferenciada. Como enfatiza Cavalcante (1998, p. 25) “é o uso do método de ensino adequado que pode viabilizar os resultados almejados”.

Notexto “*A educação por competência cidadã- a sua configuração nesta proposta de reforma curricular*” do Governo do Estado da Paraíba destaca que o ensino conteudista, vem sendo ultrapassado por uma educação por competência cidadã, e ressalta a competência como

sendo “Um conjunto de conhecimentos e capacidades de diversas naturezas- recursos- integrados e mobilizados, que possibilitam ao individuo ter inteligência de si próprio e dos demais seres humanos, dos vários fenômenos da natureza, e agir em relação aos mesmos” (PARAÍBA, 2010, p. 23).

Ainda de acordo com autor supracitado quanto à competência, a mesma esclarece que a partir do momento que o educador adota este método de ensino para o seu trabalho, os objetivos do ensino se transformam, o professor tem que ir a busca de “*Novos conceitos*” que serão incorporados na aprendizagem de cada área do conhecimento, tornando-se novos não somente como conceitos contextuais, mas que estes sejam acrescidos de outros significados, propiciados pela dinâmica social. Tem que buscar “*Novos conteúdos*” convertendo os problemas encontrados na atualidade como temas centrais das aulas, fazendo com que ocorra uma abordagem diferenciada de tais problemas. E por fim trazer para o ambiente escolar “*novas metodologias*”, metodologias essas que iram possibilitar a cada aluno, uma forma mais fácil de aprende, e de entender o mundo ao seu entorno.

Ser professor é enfrentar um desafio novo todos os dias, é “(...) inquietar a razão e desfazer os hábitos do conhecimento objetivo” (BACHELARD, 1996). A tarefa, árdua, de despertar o desempenho dos alunos pelos assuntos trabalhados durante as aulas de Geografia é quase exclusiva do professor. É preciso que o professor propicie aos alunos o desenvolvimento de um modo de pensar dialético, que é um pensar em movimento e por contradição. E como corrobora Calvalcanti (2002, p. 110) “Não basta assim, ao professor ter domínio da matéria é necessário tomar posições sobre as finalidades sociais da Geografia numa determinada proposta de trabalho, é preciso que o professor saiba pensar criticamente a realidade social e que se coloque como sujeito transformador dessa realidade”.

Vemos, portanto que a importância da geografia escolar é indiscutível, para a formação do educando e para a consolidação de uma sociedade sustentável. Mediante estas considerações, deve-se pensar em uma “educação de qualidade” a partir das novas metodologias de ensino. E que o ensino de geografia deve perpassa de uma simples técnica de ensino e ir à busca da realidade de cada aluno.

2.2 – A utilização do cinema em sala de aula: possibilidades e desafios

Sabe-se que não é novidade a utilização de recursos didáticos em sala de aula, esses recursos fazem com que o ensino torne-se mais eficaz, o emprego da música, fotos e o cinema, é sempre um instrumento para a aprendizagem. O professor não tem como descartar estes novos métodos em suas técnicas de ensino, o mesmo tem que adaptar essas mudanças tecnológicas no seu modo de ensinar. Como aponta Libâneo (1998, p. 40):

As mudanças tecnológicas terão um impacto cada vez maior na educação escolar e na vida cotidiana. Os professores não podem mais ignorar a televisão, o vídeo, o cinema, o computador, o telefone, o fax, que são veículos de informações, de comunicação e aprendizagem, de lazer, por que há tempos o professor e o livro didático deixaram de ser as únicas fontes do conhecimento. Ou seja, professores, alunos, pais, todos precisamos aprender a ler e a lidar com eles.

A utilização do cinema na educação pode ser inserida de modo geral, num grande campo de atuação pedagógica chamada de “mídia-educação” (BELLONI, 2005.) O cinema, além de um instrumento tecnológico, é um recurso audiovisual que pode melhorar o processo de aprendizagem nas escolas (GUIMARÃES, 2007).

Temos conhecimento que a Geografia trabalha com diversos tipos de imagens, e por isso o professor deve recorrer ao uso de diferentes dicções como forma de motivar os alunos na busca de outras interpretações acerca dos fenômenos estudados. Nesse sentido, reconhecemos que a linguagem cinematográfica tem uma das formas de representação mais utilizadas no ensino de Geografia, pois por meio de um conjunto de signos, permite uma percepção imediata do espaço representado.

Seguindo este viés Almeida (2001, p. 48.), afirma que a utilização do cinema em sala de aula é importante “[...] porque traz para a escola aquilo que ela se nega a ser e que poderia transformá-la em algo vívido e fundamental: participante ativa da cultura e não repetidora e divulgadora de conhecimentos massificados, muitas vezes já deteriorados, defasados”.

O cinema, enquanto metodologia traz o direito e a capacidade de utilizar das diferentes formas de linguagem pelas outras artes, conseguindo, desta maneira, se comunicar com inteligência e envolvimento. Isso acontece porque os filmes têm sempre alguma possibilidade para o trabalho escolar, mesmo sendo obras cinemáticas que não foram produzidas diretamente para o uso didático/pedagógico em sala de aula (NAPOLITANO, 2011). Batista (2005, p. 49) salienta “[...] quaisquer que sejam os materiais utilizados pelo professor na sua prática docente, [...], no fim, é sua atuação como professor que é realmente decisiva para

propiciar a aprendizagem e, mais geralmente, a educação de seus alunos. Todo o resto são ferramentas postas a sua disposição para uso judicioso”.

O uso da linguagem cinematográfica como recurso didático em sala de aula, não se representa como algo novo, podemos dizer que o seu uso vem cada vez mais crescer no desenvolvimento do educador em sala. Mas vale ressaltar, que “enquanto alguns professores empregam adequadamente essa linguagem, outros ainda têm dificuldade de usá-la como recurso didático sem descaracterizar ou esquecer a arte cinematográfica” (PONTUSCKA, p. 265).

Existem alguns desafios que precisam ser extintos quanto à utilização do cinema em sala de aula, tem que se ser desfeito a ideia que o professor utilizando deste aporte em sala estará, de certa forma “enrolando” a aula, temos ciência que em muitos casos isso verdadeiramente acontece, mas não podemos deixar que essa informação seja levada adiante, que o educador fazendo uso dessa metodologia estará usando a mesma para cobrir a falta de assunto, ou para suprir a sua ausência em sala de aula.

Sabemos que não é o filme um substituto de professores, e nem o seu uso pode ser eventual. É algo importante como um recurso para a aprendizagem e, por isto, deve-se sempre ter uma reflexão sobre a sua utilização. Barbosa (2008, p. 112) afirma que. “(...) tal como outro meio ou recurso didático, o filme não deve ser utilizado como uma ilustração da palavra do mestre, ou como um reforço da aprendizagem, práticas que tornam o uso do filme completamente inócuo ou reduzido a um mero questionamento de luxo”.

Temos ainda como um empecilho, às dificuldades estruturais para o uso do cinema nas escolas que não são poucas, são problemas que vão desde a aquisição de um simples aparelho de DVD, ate dificuldades burocráticas e de gestão que obstaculizam o uso de filmes nas escolas, como a falta de interação entre os diversos atores envolvidos (gestores escolares, professores, estudantes, pais e funcionários); ate a falta de realização de parcerias entre a escola e órgãos governamentais para a viabilização dos projetos de aparelhamento audiovisual; dificuldade de acesso a suporte técnico e de manutenção das instalações e aparelhagens etc.

Além disso, tem-se também o problema de o professor exibir um filme que tenha pouca ou qualquer semelhança com o conteúdo a ser abordado em sala. O educando compreende que o filme esta sendo usado como uma maneira de enrolar a aula. Pertinente a isso, é incorreto quando o docente passa a fazer uso do cinema em todas as suas aulas uma vez que, a utilização exacerbada desse recurso tanto reduz sua eficácia quanto empobrece as aulas (MORÁN, 1995).

A comprovação das dificuldades do uso de filmes nas escolas deve ser transcendida, e não enfrentada como algo impresumível e limitativo, as barreiras podem e devem ser ultrapassadas. A participação de toda a comunidade escolar é fundamental para ir além de esses obstáculos, uma vez que a escola deve ser conduzida como um ambiente democrático e participativo.

2.3 – Cinema na escola: novas metodologias a serem adotadas

Temos no cinema uma nova metodologia de ensino para ser adotada em sala de aula, mas tem-se ainda que ter uma certa cautela ao utilizá-lo como recurso metodológico, como destaca Nascimento (2008), antes de utilizar o cinema em sala de aula é importante que o docente faça um planejamento para que ocorra um bom desempenho de sua atividade.

Neste planejamento está incluso alguns cuidados a serem adotados, no que se refere à escolha dos filmes no ambiente escolar, o professor tem que estar atento, e saber de algumas precauções como: a adequação da faixa etária, saber se o filme realmente cabe ao tema trabalhado em sala, e primeiramente o professor tem que assistir ao filme, e delimitar o que verdadeiramente será realizado com o embasamento cinematográfico. Segundo Napolitano (2009, p. 223): “Assistir ao filme antes de qualquer outra atividade é condição básica, pois não se trata de ver o filme levando em conta apenas a relação do seu tema ou “conteúdo”, mas de avaliar o seu potencial pedagógico e de formação cultural, bem como a adequação à turma e ao trabalho que será realizado depois”.

Ao assistir o filme com antecedência, o professor mobiliza o seu olhar mais crítico, além de ter uma breve reflexão sobre os conceitos e valores que o filme cria, sobre o sentido característico do tema e dos personagens, e verifica o grau de dificuldade que tem para o mesmo, e procurar ter uma identificação de eventuais cenas e conteúdos que possam ser polêmicos.

Além de preparar-se e preparar os recursos que utilizará (filmes e materiais de apoio), o professor precisa, ao mesmo tempo, verificar qual a experiência dos seus alunos com o cinema, conhecer sua cultura, a fim de balizar a seleção dos filmes, bem como o aprofundamento das atividades e a continuidade do trabalho tendo em vista os objetivos a serem alcançados (NAPOLITANO, 2009, p. 24).

O filme deve ser inserido naquilo que se almeja trabalhar, em um procedimento de buscas de explicações com base em alusões como o saber escolar e o saber do mundo. Estabelecer interferências sobre as semelhanças entre o encenado e a vida cotidiana, e entre o

observado e o observador. O uso de filmes nas aulas de Geografia é extremamente importante também, em situações onde, por exemplo, não existe a possibilidade de visitar ou voltar ao passado (CAMPOS, 2006), já que, numa obra cinematográfica, rios, florestas, paisagens, lugares e outras coisas são tomados pela câmera.

Entendendo que as dicções advindas do cinema vêm sendo cada vez mais utilizada nas aulas de geografia, e o seu papel em sala incide principalmente de provocar uma situação de aprendizagem, temos como aporte teórico, diversas temáticas que podem ser trabalhadas com a utilização de filmes, temos como exemplos adequações daqueles temas que não se encontram facilmente em livros, como alguma coisa que esteja acontecendo no bairro ou do município dos alunos, podemos expor através da adaptação da arte cinematográfica os objetivos que almejamos alcançar, como o caso de paisagens antigas, rios que já não tem o mesmo curso. E fazer com que o aluno entenda como ocorrem essas mudanças, e buscar fazer uma interligação entre aquelas imagens que estão no filme, e o seu conhecimento.

Estes fatos são realidades que se tornam, no entanto permanentes enquanto resquícios, ou seja, os acontecimentos ao ser capturado pela câmera e transformado em imagem, o real deixa evidências, do tempo, do lugar, das relações sociais e culturais de onde ele foi captado (FILHO, 2011).

Por fim, ainda é importante saber que “trabalhar com o cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura cotidiana, pois o cinema é um campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte” (NAPOLITANO, 2011, p. 11-12).

CAPITULO3 – A ESCOLHA DA OBRA FÍLMICA EM ANALISE

3.1 – Ilha das flores: algumas considerações

O cinema constitui um importante instrumento no auxílio a da educação geográfica, uma vez que, em meio a outras informações, numa obra fílmica são oferecidos acontecimentos de resolução adequada, social, passíveis de discussão nas aulas de Geografia.

A partir dessa premissa, a obra cinematográfica, mencionada, pode e deve ser utilizada nas aulas de Geografia, uma vez que, permite a compreensão dos temas geográficos analisados a partir da linguagem audiovisual, como o caso do desenvolvimento da sociedade capitalista e as lutas sociais nelas vigentes. Ao mesmo tempo em que, torna o método de aprendizagem mais eficaz e interativo e, por conseguinte, torna a prática pedagógica mais motivadora.

Ilhas das flores é um filme de curta metragem brasileiro, do gênero documentário, escrito e dirigido pelo gaúcho Jorge Furtado, em 1989, é um curta que recebeu vários prêmios no Brasil e no exterior. *Ilha das flores* mostra uma região humilde na grande Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

Ilha das Flores

Gênero: Documentário, Experimental

Diretor: Jorge Furtado

Elenco: CiçaReckziegel

Ano: 1989

Duração: 13 min.

Cor: Colorido

País: Brasil. **Ficha Técnica**

Produção: Mônica Schmiedt, Giba Assis Brasil, NôraGulart. Fotografia: Roberto

Henkin, Sérgio Amon Roteiro Jorge Furtado. Edição: Giba Assis Brasil. Direção de Arte:

Fiapo Barth. Trilha original: Geraldo Flach. Narração: Paulo José.

Fonte: <http://www.portacurtas.org.br>.

Contestando o nome do documentário o mesmo não transmite ao telespectador nenhum encantamento das flores a que se define o seu nome, "*Ilhas das flores*", promove um perfil da sociedade de consumo e de seus reflexos na altivez da vida humana. O documentário apresenta no decorrer de sua duração o curso de um simples tomate, que vai desde sua produção até ser descartado no lixo, o curta desmascara a ação geradora de riqueza e as desigualdades que surgem no meio do caminho, desvelando a injustiça que permeia na organização de nossa sociedade.

O documentário faz uma crítica às desigualdades sociais geradas pelo Sistema Capitalista e pela falta de políticas públicas eficazes na solução do problema da miséria de uma parcela expressiva da população brasileira e de muitos países. O filme produz cenas interessantes que exemplificam o consumismo, a geração de riqueza e a exclusão social. Demonstrem, de forma analógica, as questões que envolvem miséria, bem como fatores que decorrem e que influenciam a mesma.

O documentário trás a história do Sr. Suzuki, japonês, plantador de tomates, na região de Porto Alegre, que envia seus produtos para os supermercados da região metropolitana da capital gaúcha. Dona Anete, vendedora de perfumes, anda por toda a cidade em busca de pessoas interessadas em adquirir suas mercadorias. Das vendas recebidas, Dona Anete vai a um supermercado de Porto Alegre e compra tomates e carne de porco.

A carne de porco e os tomates são os elementos fundamentais na refeição que está sendo preparada por Dona Anete para sua família. Entre os tomates adquiridos por Dona Anete havia um considerado impróprio para o consumo humano. Esse produto estragado foi atirado no lixo. Como acontecem todos os dias em várias grandes cidades do Brasil e do mundo, o lixo foi recolhido e enviado para depósitos, localizados a margem das metrópoles. O que é identificado como lixo orgânico é separado e utilizado como alimento para os porcos de um dos criadores situados num dos lixões de Porto Alegre, ironicamente chamado de "*Ilhas das flores*".

O problema é que, depois da coleta seletiva, que indicou o que poderia ser aproveitado pelos suínos, outros seres humanos passam a disputar as sobras do lixão de "*Ilhas das flores*". E neste momento que passamos a entender o exato sentido do curta, que é transmitir ao telespectador as desigualdades e exclusões que permeiam em nosso país, pessoas que vivem na miséria, que tem que entrar em disputa com animais, para obterem comida para sua sobrevivência.

O filme nos convida a uma densa reflexão sobre o destino de milhares de homens e de mulheres pobres que apesar de serem iguais a qualquer outro ser humano, estão

historicamente submetidos às desigualdades de oportunidade e de acesso a bens que os possibilitem a exercerem igualmente seus direitos de cidadania e os direitos humanos.

Tamanha disparidade causada por esse sistema socioeconômico alanceia a compostura humana, uma vez que coloca o ser humano a cometer o duelo constrangedor de disputar alimentos com animais, como os porcos mostrados no vídeo. Tais imagens retratam de forma concreta a exclusão de grupos sociais e pessoas destituídas do acesso digno “[...] ao trabalho, à educação, à saúde, à moradia e à alimentação dentre outros direitos da pessoa humana” (ESCARIÃO, 2009. P. 44).

3.2 – Proposta metodológica: adequações do tema para as aulas de geografia

O documentário *Ilha das flores* oferece um amplo campo de discussões a serem desenvolvidas em sala de aula, questões essas que vão desde as questões ambientais sobre deposição dos resíduos sólidos, até mesmo questões a respeito de relações sociais, e as desigualdades existentes na sociedade, ou seja, questões que permeiam entre o ambiental e o social, gerando um campo de discussões que podem fomentar o processo de ensino e aprendizagem desde que seja utilizado de forma coerente em sala de aula.

O documentário faz uma análise das condições de vida de pessoas que vivem na extrema pobreza. A ideia apresentada pelo cineasta Jorge Furtado tem como um dos seus objetivos tocar o emocional das pessoas que assistem o mesmo, para que estas formulem uma consciência social, fazendo uma simples reflexão sobre as condições de subsistências de muitas pessoas no país, desvelando a ideia de que existem pessoas que se alimentem com a mesma comida de animais, ou melhor, comidas que não servem nem aos animais.

Isso ocorre com mais frequência do que possamos imaginar pelo simples fato de estarmos inseridos em uma sociedade capitalista, desigual, que em muitos casos visam apenas o acúmulo de capital e que não se importa com outros seres igualmente a eles. Todo esse apogeu de individualidade e desigualdade surgiu no momento em que a sociedade saiu da produção de subsistência que vinha estando desde o seu surgimento, para uma produção de excedentes em grande escala onde passaram a existir as desigualdades sociais.

Uma das explicações da pobreza relatada no curta *“Ilhas das flores”* pode ser entendida a partir da famosa teoria de Thomas Malthus proposta em seu estudo designado como o “Ensaio sobre a população”, onde prevê a escassez de recursos no futuro. Conforme os conceitos de Malthus, qualquer população humana desenvolve-se em progressão geométrica, mas os recursos necessários à sua sobrevivência crescem em progressão aritmética. Embora a

matemática proposta não se enquadre exatamente nos moldes de crescimento atual, Malthus estava certo ao chamar a atenção para o ponto fundamental: a inevitável tensão entre o crescimento populacional e o crescimento dos recursos disponíveis (Fernandez, 2004).

Vemos relatado nas cenas do curta à desigualdade que permeia em meio a nossa sociedade, e em simples palavras desigualdade é quando uma classe social está tendo benefícios em relação à outra classe social ou quando ocorre a exclusão de uma determinada classe. Entendendo que as mesmas são as divisões que separam as pessoas de uma sociedade de acordo com o seu poder aquisitivo. E o que mais causa a desigualdade social é a má distribuição de renda, onde o lucro todo conseguido através do capitalismo fica com as classes mais altas.

A partir da exibição do filme *“Ilhas das flores”*, verifica-se o quanto nosso sistema capitalista, com suas políticas neoliberais e a concentração do poder nas mãos de poucos, pode afetar ainda mais as diferenças entre classes, chegando a existir determinados grupos de pessoas que vivem, ou melhor, sobrevivem, em condições muito mais precárias do que muitos animais. No momento em que o professor leva até o aluno o conhecimento de como está organizado o espaço, o educando vai tendo conhecimento do posicionamento que ele ocupa e vai procurar identificar qual é o seu papel perante a sociedade, e entendendo que o dinamismo social pode afetar diretamente na formação e ocupação do espaço geográfico.

Podemos levar o educando a entender a partir do documentário a conjectura de que a “Geografia é uma ciência social, que trabalha também com os fenômenos naturais” (RODRIGUES 2008, p. 13), tendo como seu objeto de estudo “o espaço geográfico”, entendemos então que, Geografia enquanto ciência deve contribuir para pensar o espaço de uma maneira ampla e completa, como fruto das relações do homem com o meio natural.

Enfocado por Castro (2001, p.44) “o espaço é caracterizado como o espaço geográfico, a morada do homem, absoluto, relativo, representado através das matrizes e grafos, descrito através de diversas metáforas, reflexo e condição social” Assim, o espaço geográfico visto de diversos modos, rico em simbolismos e campo de lutas e conquistas, ele torna-se multidimensional. Castro enfatiza também que aceitar esta dimensionalidade é aceitar as práticas sociais distintas que permitem construir diferentes conceitos de espaço.

Os PCNs, em Brasil (1998), referem-se ao estudo do espaço como uma busca em perceber a pluralidade da atividade humana existente em cada lugar, pois, nele encontram-se as manifestações das pessoas que ali residem, bem como a dinâmica dos processos naturais. E a partir da compreensão do espaço de *“Ilhas das flores”*, o aluno vai entendendo as formas de apropriação do mesmo, como é formado e como está organizado.

Além dos inúmeros debates relacionados às desigualdades relatadas no curta, que pode e deve ser trabalhada em sala de aula, Ilha das Flores ainda abre um imenso leque no tocante a debates correlatos a questões ambientais. É papel dos professores como orientadores despertar nos alunos uma conscientização do meio. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), esta em destaque a temática do meio ambiente, onde exemplifica de forma clara a importância do trabalho ambiental na escola, onde define que:

A principal função do trabalho com o tema Meio Ambiente é contribuir para a formação de cidadãos conscientes, aptos a decidir e atuar na realidade socioambiental de um modo comprometido com a vida, com o bem-estar de cada um e da sociedade, local e global. Para isso é necessário que, mais do que informações e conceitos, a escola se proponha a trabalhar com atitudes, com formação de valores, com o ensino e aprendizagem de procedimentos. E esse é um grande desafio para a educação. Gestos de solidariedade, hábitos de higiene pessoal e dos diversos ambientes, participação em pequenas negociações são exemplos de aprendizagem que podem ocorrer na escola.(PCN).

O desenvolvimento social e econômico vem promovendo uma modernização da sociedade e produzindo uma forma de pensar e agir centrada no progresso. Esse desenvolvimento tem causado problemas sociais e ambientais. Na escola a educação ambiental é importante para desenvolver sujeitos capazes de repensar suas ações cotidianas e relacioná-las com os problemas ambientais, podendo assim, mudar suas atitudes com relação à preservação do meio em que está inserido.

Sabe-se que o aumento progressivo da população gera um avanço do consumo e, logo, uma maior produção de resíduos. Dentre os problemas ambientais ocasionados pelo aumento populacional, está a problemática do lixo.

Além do crescimento populacional, o padrão de consumo também é um fator determinante no aumento da geração de resíduos e destruição dos recursos naturais. A produção desordenada do lixo é um grande problema, pois a partir dessa premissa requer mais locais para a sua deposição final. No Brasil, cerca de 80% do lixo produzido é depositado em lixões a céu aberto, sem nenhum tratamento e controle, o que põe em risco a saúde da população, principalmente a que vive próxima dessas áreas.

Com relação ao documentário, observamos que não existe este tratamento do lixo, o mesmo é apenas depositado em uma área sem nenhuma adequação para suportar tais resíduos. Pois sabemos que a acumulação do lixo gera, um líquido conhecido como chorume, no qual se o solo não tiver tratamento adequado que seria uma impermeabilização do mesmo, este líquido irá infiltrar, contaminando todo o solo e conseqüentemente o lençol freático.

O educador tem que levantar este debate em sala de aula, para que ocorra uma conscientização entre os educando, para que os mesmo a partir do desenvolvimento desta aula sejam capazes de entender a gravidade do problema que a acumulação desordenada do lixo pode causar. O professor tem que levar o aluno a perceber que cada um de nós somos responsável, tanto na tocante a degradação quanto na conservação do que ainda resta do nosso meio ambiente. E o mesmo tem que instigar os alunos a entenderem que a mudança tem que começar por nós e os educadores têm que mostrar para os alunos como eles são importantes neste processo de mudança de valores e atitudes.

Para tanto, é necessário reconhecermos o emprego da do curta *Ilha da flores* sala de aula, não apenas para suprir a falta de conteúdo e/ou de professor na escola ou como uma atividade recreativa. Mas sim, como uma atividade que induza os educandos a exercerem uma construção do conhecimento geográfico, por meio de uma análise crítica dessa obra.

Temos, portanto no curta metragem ilha das flores, uma imensidades de temáticas a serem desenvolvidas em sala de aula, fica a critério do professor escolher esta temática e adequá-la a sua atuação, sempre buscando formas que tornem o ensino mais atrativo para os educandos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a realização deste trabalho buscamos conjecturar a respeito de determinados aspectos sugestivos à Geografia Escolar. Buscamos, designadamente, debater a uso do cinema, enquanto procedimento de ensino, nas aulas de geografia.

Por meio dos elementos distintos no transcorrer deste trabalho verificamos que é de extrema importância a utilização do cinema, enquanto procedimento de ensino, na sala de aula por professores de Geografia, uma vez que torna o procedimento de aprendizagem mais eficaz e, por conseguinte, torna o aprendizado mais rico.

A seriedade da proposta metodológica do cinema para o processo de ensino aprendizagem desponta um instrumento que pode obter estímulos distintos, tornando a aula um meio de debate de ideias com um único objetivo: o aprendizado.

Nota-se, que a importância da renovação da Geografia Escolar, reside no fato de esta ciência ser uma formidável fonte para desenvolvimento da reflexão, criticidade e criatividade do aluno, de modo a desenvolver neste o verdadeiro senso de cidadania, como forma de possibilitar a formação de alunos que sejam participativos, efetivamente, no processo de transformação, decisão e escolha, não só no meio social em que vive, mas do mundo do qual faz parte.

Constatamos também que o cinema, enquanto metodologia de ensino fornece um universo de possibilidades para a sua utilização nas aulas de Geografia. É válido ressaltar que não é nossa proposta aqui que o professor se transforme em um crítico do cinema, visto que, para obter resultados satisfatórios em sala de aula, é necessário somente que ele utilize um pouco a sua imaginação, com certeza, ao fazer isso, as chances de um excelente trabalho são grandes.

Constatamos ainda que embora seja importante o uso do cinema nas aulas de Geografia, porque torna o processo de aprendizagem mais dinâmico e interativo e, conseqüentemente, a prática pedagógica mais rica e motivadora, o educador deve ser cauteloso para não usar inadequadamente este recurso em sala, pois o cinema por si só não garante a aprendizagem do educando, mas é a forma como o professor vai utilizá-lo que fará toda diferença.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Milton J. **Imagens e sons: a nova cultura oral**. São Paulo: Cortez, 2001.

BACHELARD, G. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento – Rio de Janeiro: Contraponto, 1996;

BARBOSA, Jorge Luiz. A Arte de Representar como Reconhecimento do Mundo: O Espaço Geográfico, o Cinema e o Imaginário Social. **Geographia**, Niterói, v. 2, n. 3, p. 69-88, 2000. Disponível em: <<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/30/28>> . Acesso em: 05 jun. 2014.

BARBOSA, Jorge Luiz. **Geografia e Cinema: em busca de aproximações do inesperado**. IN: CARLOS. Ana Fani Alessandri.(org) A geografia na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2008.

BATISTA, Antonio Augusto Gomes. Programa 1: Política de Materiais Didáticos, do livro e da leitura no Brasil. In: BRASIL. Ministério da Educação. Materiais Didáticos: escolha e uso. **Boletim 14**. Brasília: Ministério da Educação, 2005. p. 12-24. Disponível em: <<http://www.tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/151007MateriaisDidaticos.pdf>> . Acesso em: 05 jul. 2014.

BENJAMIN, Walter. “**A obra de arte na era de sua reprodutibilidade de técnica**”. In: Obras escolhidas, vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1985, 165-196.

BELLONI, Maria Luzia. **O que é mídia-educação**. 2. Edição; Campinas SP: Autores Associados, 2005.

BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema**. Coleção primeiros passos. São Paulo: Brasiliense. 1980.

BRASIL, Secretaria de educação fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclo: apresentação dos temas transversais: Brasília: MEC/SEF. 1998

CAMPOS, Rui Ribeiro de. Cinema, Geografia e Sala de aula. **Estudos Geográficos**, Rio Claro, v. 4, n. 1, p. 1-22, jun. 2006. ISSN 678-698 x. Disponível em: <<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/estgeo/article/.../17...>>. Acesso em: 20 ago. 2014.

CASTRO, Josué de. **Geografia da fome**. São Paulo: civilização Brasileira, 2001.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas, SP. Papiros 1998.

_____. **Geografia e praticas de ensino**. Goiânia. Alternativa.

CHAUI, Marilena. Convite à Filosofia. Unidade 8; O mundo da prática. In: _____ **O universo das artes**. Ática, São Paulo. 2001. p. 333.

CHARNEY, Leo e SCHWARTZ, Vanessa R. (Orgs). **O cinema e a invenção da vida moderna**. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

COSTA, Flávia Cesarino. Primeiro Cinema. In: MASCARELLO, Fernando (Org.). **História do Cinema Mundial**. Campinas, SP: Papirus, 2006. p. 17-52. (Coleção Campo Imaginético).

DUARTE, K. R. OLIVEIRA, A. G. de ; NUNES, J. de M. **Cinema e ensino de geografia: aproximações teóricas e debates metodológicos**. In: encontro nacional de práticas de ensino de geografia: a produção do conhecimento e a pesquisa sobre o ensino de geografia. Goiania. Encontro Nacional de Práticas de Ensino de Geografia.

ESCARIÃO, G. N. D. Globalização e exclusão. In: RICHARDSON, R. J. (org). **Exclusão, inclusão e diversidade**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009.

FERNANDEZ, F. **O Poema Imperfeito**. Editora UFPR. 2. ed. Curitiba/PR. 2004. P. 257.

FILHO, António Carlos Queiroz. A geografia vai ao cinema. **Resgate: Artigos e Ensaios**, [S.l], v. 19, n.21, p. 58-67, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/100040975/Texto-Carlos-Queiroz-2> > Acesso em: 05 jun. 2014.

GEIGER, P.P. **Ciência, Arte e a Geografia no cinema de David Lynch**. GEOUSP- Espaço e Tempo, São Paulo, n. 15, p. 11-18, 2004. Disponível em: <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAAtnkAC/cinema-arte-a-geografia-no-cinema-david-lynch#>>. Acesso em: 15 jul. 2014.

GOVERNO DO ESTADO DA PARAÍBA. Secretária e cultura. Inserção da disciplina no ensino fundamental e seus objetivos. IN: **Referências curriculares do ensino fundamental: ciências humanas, ensino religioso e diversidade sociocultural**. Governo do estado da paraíba. Secretaria de educação e cultura. Gerencia executivo da educação infantil e ensino fundamental. João Pessoa: Sec/ grafest, 2010.

GOULART, Ligia Beatriz. Aprendizagem e ensino: uma aproximação necessária à aula de Geografia. In: Ivaine Maria Tonini, Antonio Carlos Castogiovanni, Ligia Beatriz Goulart, Nestor André Kaercher, Rosa Elisabete MiltzWypycznski Martins. (og.) O ensino de geografia e suas composições curriculares. 2ª ed. Porto Alegre, 2014.

ILHA DAS FLORES. Diretor: Jorge Furtado. Produção: Giba Assis Brasil, Mônica Schmiedt, NôraGulart. Rio Grande do Sul: Casa de Cinema Porto Alegre. 1989. 1 DVD.

LACOSTE, Yves. A Geografia Isso serve, em primeiro lugar para fazer a Guerra. 4a Edição. Campinas- SP: Papirus, 1996.

LIBANEO, José C. **Adeus professor, adeus professora?** São Paulo. Cortez. 1998.

MASCARELLO, Fernando (org.). **Cinema Hollywoodiano contemporâneo**. In: ____**História do cinema mundial**. Campinas, SP. Papirus, 2006.

MORÁN. José Manuel. **O vídeo na sala de aula**. Comunicação e educação. São Paulo, 1995.

MORRETTIN, Eduardo. **Uma historia do cinema: movimentos, gêneros e diretores**. In: Caderno de cinema do professor dois: luz, câmera, educação! São Paulo: fundação para o desenvolvimento da educação. 2009

NAPOLITANO, Marcos. **Cinema: experiência cultural e escolar**. IN__ caderno de cinema do professor dois: luz, câmera, educação! São Paulo: fundação para o desenvolvimento da educação. 2009.

_____. **Como usar o cinema na sala de aula**. 5ª ed. São Paulo: contexto, 2011.

NASCIMENTO. Jairo carvalho do. **Cinema e ensino de historia: realidade escolar proposta e praticas na sala de aula**. Revista de historia e estudos culturais. 2008.

NEVES, Alexandre Aldo & FERRAZ, Cláudio Bendito Oliveira. Cinema e Geografia: em busca de aproximações. **Primeiros Passos**. Espaço Plural, [S.l], ano 8, n. 16, p. 75-78, 1º semestre de 2007. ISSN 1518-4196. Disponível em:<<http://e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/download/.../118...>>. Acesso em: 22 jun. 2014.

NEVES. Aldo Alexandre. **Geografias de cinema: do espaço geográfico ao espaço fílmico: dourados**. Minas Gerais,2010.

NOGUEIRA, Luiz. **Manuais de cinema II: gêneros cinematográficos**. Covilhã livros Labcom, 2010.

PCN. **Parâmetros Curriculares nacionais**. Brasília. Ministério da educação e cultura.

PONTUSCHKA, NídiaNacib; PAGANELLI, TomokoLyda e CACETE, NúriaHanglei. **Para Ensinar e Aprender Geografia**. 1ª edição. São Paulo: Cortez, 2007.

RODRIGUES. Auro de Jesus. **Geografia: introdução à ciência geográfica**. São Paulo: Avercamp. 2008.

SILVA, Josineide Alves da.**O cinema na sala de aula: um diálogo com o currículo e o cotidiano escolar**. Revista educação, [S.l], v. 5, n. 2, p. 20-35, 2010. Disponível em:<<http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3640915>>. Acessado em: 05 jun. 2014.

STRAFORINI, Rafael. **Ensinar geografia: O desafio da totalidade – mundo nas séries iniciais**. São Paulo: Annablume, 2004.

VESENTINI, José William. Realidades e perspectivas do Ensino de Geografia no Brasil. In: _____ **O ensino de geografia no século XXI**. Campinas: Papyrus,2004.p. 219-248.